

período de transição, quase nos sentimos decepcionados pelo comedimento dos poemas portugueses datados desse ano. Eles retomam o tom dos poemas ingleses de Alexander Search. Neles encontramos o mesmo idealismo neoplatônico, refutado pela dúvida, ligeiramente dolorosa, como uma anestesia da alma; limbo em que todas as impressões parecem fundir-se num tom neutro; um pesadelo climatizado, como dirá Miller. Tudo isso é enunciado com nitidez ambígua, de forma mallarmiana. Neles vemos aparecer as figuras de estilo características de Pessoa, que lhe ordenam os versos regulares segundo uma retórica sapiente e discreta. A seqüência de sonetos que já citei, intitulada, como um eco ao nome de Search, *Em Busca da Beleza*, começa por um *oximoro* (o poeta é um “dolorido epicurista”) e termina por uma redundância: o “derradeiro inferno do tédio intérmino” é já “nem aspirar a ter aspiração”. Mais adiante se fala num impossível jardim de onde são banidos o cheirar e o desejar, onde o amor não é amor, onde não se sonha nem vive. Mas o poeta só conhece disso a ilusão, que é o real. Para a alma vencida, a dor extasia-se com não ser. Pessoa, aos vinte e um ou vinte e dois anos, já está preso nos “paus”, onde logo o veremos construir provisoriamente sua morada. Mas numerosos sinais deixam pressentir, para além desse limbo ou desse inferno, o que chamará, vinte e cinco anos depois, a “porta aberta” que “desta Alma fechada nos liberta”, porta pela qual, “sem ver, ouvimos para além da sala de ser”.<sup>13</sup> Um poema datado de 6 de novembro de 1909, *Nova Ilusão*, invocando “os deuses antigos” resuscitados sob a forma longínqua de idéias puras, faz tábua rasa de todos os ritos e de todos os dogmas para que surja, “para além dos seres”, a visão da “ilusão universal”, que conduz os iniciados à verdade escondida por trás de todas essas aparências.

Por volta de 1910-1911, o jovem, como lhe acontecerá muitas vezes, está cansado, deprimido, sem horizontes. Num diário em que escreve com muita irregularidade — e que não tem nada que ver com o *Livro do Desassossego* — anota (em inglês, desta vez ainda) sua indiferença fundamental, seu ódio aos “atos decisivos” e aos “pensamentos definidos”, às realizações e às conclusões. Não consegue fixar suas idéias. “[Os pensamentos] passam em mim; não são pensamentos

meus, mas pensamentos que passam através de mim. Não pondero, sonho; não me sinto inspirado, deliro. Sei pintar, mas nunca pintei; sei compor música, mas nunca compus. [...] O meu carácter mental consiste no ódio aos princípios e aos fins das coisas, pois são pontos definidos...” Diz também que deixou de ler, exceto jornais ou literatura de entretenimento. “Quase deixei cair a literatura como tal. Poderia lê-la para aprender ou por prazer. Mas não tenho já nada para aprender, e o prazer extraível dos livros é de um género que pode ser substituído com proveito pelo que o contacto com a natureza e a observação da vida podem oferecer-me directamente...”<sup>14</sup>

Essa lassidão, que toma aí o aspecto de regresso à “natureza” e à “vida”, como em Rousseau, Thoreau e Whitman, é uma forma de disponibilidade total. Quando o vejo assim, indefeso, à espera não se sabe de quê, faz-me pensar naqueles “místicos da hora fatal”, de que dirá, no *Livro*, que se esvaziaram de todo o vazio do mundo.

<sup>13</sup>Pessoa, 191.

<sup>14</sup>OPP, II, 85, 87. Original em inglês (tradução de António Quadros).